

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 241

Data: 17.05.84

Pg.: _____

Pataxós ha-ha-hae dizem que não mais molestarão os funcionários da Funai

Salvador — Depois de terem mantido como reféns por quatro dias os membros da comissão da Funai que foram a Pau-Brasil negociar com os fazendeiros a devolução das terras da reserva Caramuru-Paraguaçu, os índios pataxós ha-ha-hae cederam ontem e garantiram que não vão molestar mais nenhum dos outros sete funcionários da Funai, que trabalham e permanecem na Fazenda São Lucas, sede do posto indígena.

Mas o clima de tensão continua na região. Os índios continuam armados, "desejando atacar fazendas, num comportamento messiânico ou escapista", como descreveu o sertanista Cornélio Vieira de Oliveira, que disse ter sido ameaçado de morte pelos índios juntamente com os engenheiros Luís Carlos da Silva e Manoel Barbosa Filho (de Brasília) e o chefe do posto Caramuru-Paraguaçu, Rômulo Siqueira de Sá.

Retomada

Na negociação com o cacique Nelson Saracura, através do rádio instalado no posto indígena, a representação regional da Funai em Governador Valadares comprometeu-se a fornecer imediatamente alimentos e assistência médica.

Ontem mesmo, foram adquiridos Cr\$ 3 milhões em comida junto à Cobal e provavelmente hoje seguirá um motor para possibilitar a utilização da água de um poço artesiano. Além disso, a Funai está assinando convênios com hospitais da região para dar atendimento médico à comunidade de índios, que já perdeu 33 membros nos últimos dois anos, sendo quase todos crianças.

Apesar disso, os 822 índios instalados na Fazenda São Lucas, distante da Capital 528 quilômetros — insistem na retomada imediata dos 36 mil hectares da reserva Caramuru-Paraguaçu, criada por decreto presidencial em 1926. A área foi ocupada por fazendeiros que, há quatro anos, receberam títulos de posse fornecidos pelo Governo do Estado.

Os índios não permitem o acesso de jornalistas à Fazenda São Lucas, para onde foram deslocados pela Funai há dois anos e onde desenvolvem atividades agrícolas numa área de 1 mil 200 hectares. Mas funcionários da Funai foram vistos ontem entrando e saindo normalmente da área.

Reféns

Cornélio Oliveira, coordenador da comissão designada pelo presidente da Funai, Jurandir Fonseca, relatou ontem que, logo ao chegar na Fazenda São Lucas, quinta-feira à tarde, foi rodeado por centenas de índios que pediram explicação sobre o trabalho que a comissão desenvolveria. Como os técnicos explicaram que foram fazer um levantamento das fazendas arrendadas que não pagam o arrendamento há mais de dez anos — e não retirar imediatamente os 400 fazendeiros das terras dos índios, como pretendiam os pataxós. — Foram levados para o posto da Funai existente ali e mantidos como reféns.

Inicialmente, eles podiam ir até à varanda, mas, na terça-feira, foram obrigados a permanecer somente no quarto. Até para ir ao sanitário, tinha que ser acompanhados por índios armados de facão, borduna, arco e flexa. Não sofreram violência física, mas foram molestados muito, psicologicamente, segundo o sertanista:

— Os índios deixaram suas casas e ficaram todo o tempo acampados em volta da sede do posto durante os quatro dias que estivemos como reféns. E diziam coisas para nos amedrontar, ameaçando-nos de morte: "Essa sua botina dá bem no meu pé", "vamos abrir barriga desse sujeito".

Mas a situação se agravou mesmo na noite de sábado, porque o cacique Nelson Saracura, que foi a Brasília manter contato com o presidente da Funai, perdeu o avião. Por isso, o carro que foi buscá-lo em Ilhéus voltou vazio e logo surgiu o boato de que ele havia sido assassinado. Foi o suficiente para os membros da comissão serem colocados de pé junto a uma parede e ameaçados de morte pelas centenas de índios, que queriam vingança. Com a chegada de Saracura, mais tarde, a tensão diminuiu.